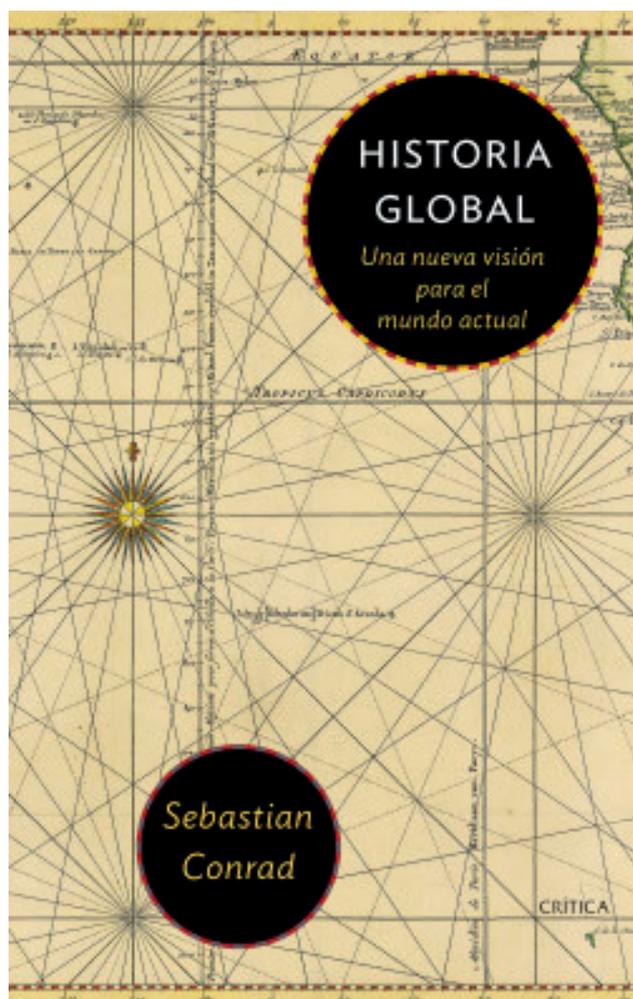


Conrad, S. (2019). *O que é a História Global?*

Edições 70. Lisboa: 311 pp.

SÓNIA VAZÃO¹



Sebastian Conrad, historiador e professor na Freie Universität Berlin, na Alemanha, tem elaborado ao longo da sua carreira diversos trabalhos enquadráveis no âmbito da História Global. Em 2016, publicou a obra *What is Global History?*, editada pela Princeton University Press, que, em 2019, conheceu a tradução portuguesa pela chancela das Edições 70, com o título *O que é a História Global?*, cuja revisão crítica nos propomos elaborar.

No texto de apresentação da obra, incluso na capa, assume-se que o fenómeno da globalização teve impacto na forma como o conhecimento histórico é produzido. É referido ainda que a obra irá fundamentar o facto de a História Global se ter tornado «uma das áreas mais inovadoras» neste tipo de conhecimento.

==

¹ CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; Doutoramento em Estudos Globais, Universidade Aberta (Portugal). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8119-9469>.

Ao longo dos 10 capítulos que compõem a obra, Sebastian Conrad procura refletir sobre alguns dos principais aspetos relacionados com esta área de estudos, que elencamos de seguida: breve reflexão sobre a história do pensamento global; abordagens concorrentes da História Global; particularidades da História Global; a História Global e as formas de integração; o espaço e o tempo na História Global; posicionalidade e abordagens centradas; a criação de mundos e conceitos da História Global e a política da História Global.

Na introdução, o autor refere a existência do que considera «três possíveis campos» na História Global, a saber: «a história global enquanto história de tudo; como história das conexões; ou enquanto história que se baseia no conceito de integração» (p. 17). Conrad é muito explícito em assumir que, no seu entender, a terceira abordagem é aquela que considera ser a mais «promissora» (p. 17) para os historiadores que desenvolvam estudos no âmbito desta área.

Quanto ao primeiro campo – «a história global enquanto história de tudo» –, o autor refere que, tendo em conta esta perspetiva, todos os estudos históricos podem ser enquadrados na História Global, mesmo que não tenham o objetivo de explorar «os horizontes e as perspectivas globais» (p. 19) do tema que foi alvo de análise. No que diz respeito ao segundo caso – «história das conexões» –, Conrad considera que a valorização

das análises sobre as trocas e as conexões, particularmente aquelas que extravasam os limites de um «Estado-nação, do império ou da civilização.» (p. 20), é um aspeto muito positivo desta variante. Entende, no entanto, que o terceiro «modelo» – uma «história que se baseia no conceito de integração» – é o mais interessante para os historiadores globais, pois pressupõe que seja efetuada uma reflexão sobre algum tipo de integração global, ou seja, sobre relações e conexões regulares e duradouras que possibilitam mudanças efetivas transversais globais. É esta variante que o autor procura aprofundar e fundamentar epistemologicamente ao longo da obra.

Sebastian Conrad tem o cuidado de salvarguardar que a História Global não é o único caminho em ordem à construção do conhecimento histórico, procurando antes centrar a reflexão e a análise no que considera serem as suas potencialidades e originalidades. Aliás, a leitura deste trabalho possibilita o acesso a um texto fundamentado e coerente que, concordando-se ou não com o que é defendido pelo autor, é muito claro nos pontos de vista apresentados. A título de exemplo, Conrad tem o cuidado de analisar alguns conceitos que, muitas vezes, são confundidos com o de «História Global», como é o caso de «Macro-História» e de «História Mundial». No que diz respeito ao primeiro, explicita que os estudos de História Global se distinguem dos da Macro-História, devido ao facto de os

primeiros poderem versar sobre localizações mais específicas, desde que sejam analisadas as conexões e estruturas globais e a forma como estas influenciaram esses territórios concretos. Defende mesmo que «nem todos os lugares se entrelaçam do mesmo modo, [pelo que] seria errado privilegiar sempre processos de alcance mundial em detrimento das dinâmicas locais» (p. 165). Quanto ao conceito de «História Mundial», o autor refere que a História Global se distingue desta área pela centralidade da análise das conexões e estruturas globais e do seu impacto. Além disso, Conrad explicita que a História Global não é sinónimo de História da Globalização, porquanto, como refere, «[...] a história global é, antes de mais, uma abordagem; a história da globalização, por outro lado, denota um processo histórico» (p. 113). Ou seja, os historiadores globais estudam o fenómeno da globalização com recurso aos pressupostos metodológicos que são particulares da História Global.

Nos capítulos 3, 4 e 5, o autor reflete de especial modo sobre os aspetos que distinguem a História Global das outras áreas, tais como a História Comparada, a História Transnacional, a Teoria dos Sistemas-Mundo, os Estudos Pós-Coloniais e as múltiplas modernidades. Sebastian Conrad salienta que uma das originalidades da História Global se prende com o facto de centrar a análise nas transferências e nas interações, particularmente na profundidade e no impacto das mesmas. Aliás, reforça mesmo que a originalidade da História Global

é estudar as conexões que estão «integradas em processos de transformação estrutural [...] a uma escala global» (p. 84). Ou seja, os historiadores globais devem procurar identificar e estudar conexões que tenham tido um grande e duradouro impacto a nível global e que tenham extravasado as fronteiras de territórios políticos específicos. Aliás, o autor assume que a questão da integração global é essencial para a História Global, referindo mesmo que «o foco na integração global é uma escolha metodológica que distingue a história global de outras abordagens que operam a grandes escalas de análise» (p. 87), ainda que reconheça que dificilmente se conseguirá uma integração global, pois existirão sempre exceções.

Sebastian Conrad defende que as perspetivas globais são muito relevantes para a construção do conhecimento histórico, pois permitem que os historiadores possam deixar de olhar e de compreender apenas uma parte da realidade, uma vez que, e cada vez mais, não existem territórios estanques e imunes a influências exteriores. Refere ainda que a História Global se distingue de outras práticas metodológicas, por exemplo daquelas que estão ligadas a um «paradigma *internalista*» (p. 110), através do qual se privilegia a procura da compreensão do passado no interior dos limites de um território particular. Isto é, os objetos de estudo dos historiadores globais não estão circunscritos a fronteiras específicas («Estados-nação, impérios ou civilizações» (p. 84)), uma vez que,

na opinião de Conrad, nenhuma «unidade histórica» (p. 85) pode ser compreendida sem o estudo da sua relação com as outras. O autor defende que a abordagem da História Global tem mais potencialidades quando aplicada a períodos em que «a integração foi duradoura e de certa intensidade» (p. 112), ou seja, a períodos em que o aprofundamento das relações globais começou a ter um impacto mais significativo.

No que diz respeito à questão do eurocentrismo terminológico que domina a construção do conhecimento histórico a nível mundial, Conrad reconhece que este é encarado, muitas vezes, como uma imposição. É de salientar que o autor não desvaloriza esta problemática, mas alerta para a necessidade de os historiadores globais utilizarem de forma criteriosa categorias e termos que permitam a compreensão dos estudos efetuados, por isso, embora reconheça a legitimidade de serem trilhados novos caminhos epistemológicos que extravasem a matriz europeia, refere que «são claras as vantagens de continuarmos a ser capazes de encetar conversações entre [historiadores]» (p. 237). Aliás, o autor reconhece, ainda, que é muito difícil para qualquer historiador libertar-se completamente do contexto no qual está inserido, ou, como refere, «o seu mundo» (p. 52). Ou seja, é muito difícil garantir que o local no qual os estudos são produzidos não tenha impacto nos mesmos, o que se aplica aos estudos que são elaborados no âmbito da História Global, inclusive

aqueles que recorrem à metodologia proposta por Conrad.

Sebastian Conrad tem o mérito de se libertar da produção científica europeia e de analisar de forma abrangente os vários contributos para a epistemologia da História Global. Além disso, tem o cuidado de explicitar que os pressupostos epistemológicos da História Global não devem servir para ilibar a atuação de indivíduos concretos, referindo-se, por exemplo, ao caso das ações levadas a cabo no decorrer da governação nazi na Alemanha. Sobre esta questão, refere mesmo o seguinte: «optar por grandes quadros espaciais e temporais pode lançar a luz sobre contextos mais vastos e constrangimentos estruturais [...]», mas, salva-guarda, «essa opção pode obscurecer o papel dos atores, os seus motivos e as suas escolhas, ofuscando a responsabilidade individual no curso da história» (p. 268).

Em suma, *O que é a História Global?* é uma obra bem fundamentada, na qual o autor reflete sobre múltiplos aspetos relacionados com a epistemologia desta área de estudos, procura contribuir para a definição da sua identidade enquanto disciplina académica e elenca abordagens metodológicas que, no seu entender, devem ser tidas em consideração na elaboração de estudos desenvolvidos no âmbito deste campo. Conrad, no entanto, valoriza em demasia o recurso à utilização da língua inglesa nos estudos de História Global – que justifica com o facto de entender que a

influência desta língua vai crescer ainda mais —, o que pode desincentivar a produção científica noutras línguas. Além disso, talvez tivesse sido mais enriquecedor que o autor, em determinados pontos da obra, tivesse abonado de forma mais consolidada alguns dos episódios/acontecimentos históricos e algumas das obras/abordagens que elenca, salvaguardando-se, no entanto, que tal não coloca em causa o mérito da mesma.

Ainda do ponto de vista metodológico, teria sido pertinente que o posfácio da obra tivesse sido assinado, pois, embora se depreenda que foi da responsabilidade dos diretores da coleção História e Sociedade, Diogo Ramada Curto, Miguel Bandeira Jerónimo e Nuno Domingos, tal não foi explicitado. Além disso, a

inclusão de uma conclusão, ou síntese, e de uma lista bibliográfica final iria enriquecer a publicação, pois possibilitaria que o leitor pudesse ter acesso a uma síntese efetuada pelo autor, no caso da conclusão/ síntese final, e a um instrumento de trabalho sistematizado, no caso da lista bibliográfica.

Por tudo o que anteriormente foi referido, *O que é a História global?* fundamenta, como referido na capa, o facto de a História Global se ter tornado «uma das áreas mais inovadoras» no conhecimento histórico. Além disso, trata-se de um importante contributo para a epistemologia de uma disciplina recente, que é muito enriquecida e valorizada com este tipo de trabalho teórico.